



ENTRE CURVAS E ADORNOS:

a produção de corpos e discursos generificados através dos produtos midiáticos¹

Josenildo soares BEZERRA²
Universidade Potiguar - UnP

Resumo

A mídia e suas produções são desde sempre determinadoras de gostos estéticos, verdades totalizantes e concepções de corpos e gêneros pautados no binarismo heteronormativo. Os programas veiculados são sempre-já com abordagens do isto ou aquilo, colocando-nos à beira do abismo quanto às escolhas. Assim, surgem após os anos 80 do século XX, possibilidades outras de ser e estar no social que sai do chamado armário e encontra-se no limiar de um horizonte cada vez mais próximo. Essa transgressão que apontamos aqui, que burla o corpo, refaz o gênero e confunde as cartas do baralho é senão olhar com lentes outras para os mesmos sujeitos que desejam está sob o mesmo sol do velho ditado popular: “O sol nasceu para todos”. Para dar conta das análises, procuramos como trato teórico-metodológico estudos a partir da Linguística Aplicada IN-disciplinar. Este campo de estudo abre a possibilidades de vislumbrar os sujeitos a partir das Ciências da Humanidade: Antropologia, Sociologia e Psicologia, entre outras áreas do saber que percebe-se lacunar, assim, possível de ser esmiuçado e lido de forma plural e em construção. Discutir contemporaneamente este tema é partir do princípio que a sociedade é diversa, plural e definida a partir das relações entre os sujeitos. Dessa relação surgem productos que tem conceitos e interfaces culturais conectadas a memória, ao interdiscurso, à constituição da realidade social. Assim, com as lentes de Bento (2006), universalizando, pluralizando e relativizando, trataremos um corpo aberto às possibilidades, sem margens, nem fronteiras; questões relativas à performatividade com Butler (2003) no que tange as experimentações e mimeses; somos seres da performance, essa forma de viver e está no corpo; com Foucault (1990) as Tecnologias do Eu, (2007) no Cuidado de Si. Como as tecnologias estão ao favor do sujeito na aquisição de formas, modificações, operações que interferem na conduta e que prefiguram na aquisição da satisfação e no prazer, levando ao ser consigo, ao conhecimento de si; ainda tomando o discurso como um elemento importante no poder-saber, Foucault (1970, 2009) analisa o poder discursivo frente às questões normativas do social. O consumo toma lugar em nossas discussões por tratar destas questões como possibilidade mercadológica, assim, produção industrial em que o sujeito perde o locus do indivíduo enquanto detentor de direitos. Portanto, a mídia pode até não ter a importância ímpar de tal modificação, mas as influências causadas na sociedade,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Doutorando em Linguística Aplicada – UFRN, docente nos cursos de Publicidade e Propaganda e Design gráfico – UnP/RN. E-mail: soares.bezerra@gmail.com



sobretudo em nossa sociedade brasileira é tamanha devido às políticas públicas voltadas para a Educação e seu investimento na mesma.

Palavras-chave: Mídia; Corpo; Gênero; Performance; Discurso

Corpo do trabalho

“...la pensée occidentale ait veillé à ce que le discours ait le moins de place possible entre la pensée et la parole..”

Foucault (1971:48)

Tomamos o discurso como um elemento indispensável na concepção dos conceitos de gênero, corpo e sexualidade neste artigo e pegamos de empréstimo o interdiscurso que afirma que ao falarmos, cada palavra traz uma memória de outras tantas, mas que a mídia em sua ligeireza, produz um apagamento dessa memória, assim, Foucault nos dá a possibilidade de repensá-la sob este discurso que ocupa o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra. A palavra tem tornado-se vazia de sentido estético-sonoro, mas operante no sentido do silêncio. Ela produz sob todos os risos, cores, músicas, publicidades etc, uma avalanche de conceitos, normas e ordenações sociais pautadas num binarismo, etnocentrismo e religiosidade que continua silenciosamente castrando sonhos e desejos, transformando-os em patologias e anomalias, mas ao mesmo tempo, tem tornado a vida do outro público como um olhar sobre janelas abertas, janelas indiscretas.

Este artigo tem o propósito de discutir como a mídia vem publicando em seus produtos, sejam eles quais forem, as concepções de corpo, prazer, gênero, resvalando assim, no sujeito e suas maneiras de subjetivar-se. Atré-ladas a estas formas de “enquadrar as maneiras de ser Humano”, a própria mídia deixa à mostra caminhos para sujeitos chamados modernos, pós modernos, desviantes, transgressores , entre outros pseudônimos buscarem novas-velhas tecnologias do eu que alterem seu estado, seja ele físico, e ou, espiritual, para viverem prazeres outros.

A produção midiática vem chamando atenção pelos estudiosos das Ciências da Humanidade há algum tempo, bem como de educadores, por acreditarem que ela tem o poder de influência no social, alterando assim os gostos, conceitos e padrões estéticos. Muitas foram as Escolas e Tendências de estudos em Comunicação que trouxeram à tona esta perspectiva, ora reforçando, ora atribuindo menor papel, pulverizando o gosto



da massa pelos produtos de menor qualidade às esferas da Educação, das Políticas Públicas, da cultura etc. Mas esse cenário não está longe de se dissipar, pois ainda muitas lutas serão travadas, além de muitas bruxas serem levadas à inquisição, seja nos bancos da universidade, nos lares e demais espaços sociais culpabilizando a mídia, e o preço, alto preço dos preconceitos, normatizações e toda espécie de desrespeito à diversidade transbordam pelo social. Se o discurso midiático é um dos precursores do analfabetismo intelectual, social entre outros que afetam o desenvolvimento cognitivo, impossibilitando sujeitos de perceberem as sutilezas entre seus discursos, precisamos reavaliar e discutir, ou mesmo nos instrumentalizar para que percam a força ao chegar suavemente em tom patético pelos programas humorísticos e pseudo-literários, como também, em veiculações impondo padrões e dogmatismos de uma sociedade tradicional e respeitosa como analisada nesses dias pelos discursos religiosos pregados em programas 24h no ar que confortam sujeitos que estão em conflitos de ordens diversas. Este é o cenário social em que apresentamos as problematizações desse estudo que tem os discursos midiáticos acerca do binarismo e da heteronormatividade resvalando nos corpos e nas concepções de gênero na sociedade, produzindo assim, apatia social quanto a diversidade sexual e de gênero.

Podemos discorrer acerca de uma crítica da mídia sob duas perspectivas: pelas lentes dos estudiosos das Ciências da Humanidade, ou se quisermos, pelo alheamento da população que despercebe suas mensagens sutis recheadas de possibilidades conceptuais, sempre, quase sempre de um teor desrespeitoso às diferenças, às minorias, às possibilidades de ser para além do que se permite socialmente como da ordem da natureza, assim, sagrada. Essas duas vertentes não se anulam frente a outra, mas mesclam-se, transitam entre a crença cega e a crítica científica. Estacionar em um dos pólos é, senão, deixar de vislumbrar a fronteira da outra e assim, perder a referência para análise e discussão.

Os teóricos da Escola de Frankfurt analisaram os meios de comunicação na perspectiva da Indústria Cultural. Assim sendo, toda a produção teria sua qualidade deturpada e inferiorizada para atender a uma massa de gosto não tão elaborada. Por tal motivo, era posto em tais veiculações, o popularesco desqualificado com intuito de gerar economia. Podemos concluir:

O problema não é apenas o fato de o conhecimento, a literatura e a arte, senão os próprios seres humanos, se tornarem produtos de



consumo. No limite, acontece uma fusão entre esses conceitos. As obras de arte a as próprias ideias, senão as pessoas são criadas, negociadas e consumidas como bens cada vez mais descartáveis... (RÜDIGER, 2008, p. 139)

Não consigo vislumbrar diferenças entre a discussão frankfurtiana e a atual. Essa perspectiva é tão viva hoje que ao ligar as TVs, ou ver os tabloides que temos esta conclusão. Programas usando conceitos totalizadores, evitando polemizações e críticas acerca de suas veiculações são a tônica. Especificamente no Brasil, os programas têm apresentado uma recorrência exagerada com temas sobre o corpo, a sexualidade e as experiências sexuais. Estes, por sua vez, trazem depoimentos de experiências populares, médicos e psicólogos, pastores e padres, entre outros líderes populares. O apelo para uma boa audiência é o mais importante. A discussão torna-se pequena diante dos pontos de audiência, dos patrocinadores de estética, das clínicas de saúde, academias de ginástica, modeladores do corpo, Igrejas e suas ações sociais. Blocos pequenos de discussão, falas cortadas e sem importância, edições de fala para tornar mais atrativo o programa, entre outras técnicas para chamar a atenção do público. O que nos preocupa de fato é o teor conceitual das discussões. Como discutir corpo, sexualidade e gênero em programas tão patéticos? Usar uma linguagem cada vez mais simples, teorizações mínimas para uma população cada vez mais iletrada e em blocos muito pequenos, sendo incapaz de concluir pensamentos.

Analisaremos 4 gêneros de programas para situarmos como se constitui as premissas do corpo, sexualidade e gênero: Programa de humor – Zorra Total; Novela – Guerra dos Sexos; Programa de Auditório - Xou da Xuxa e Programa religioso. Sabemos que tratar de sexualidade e gênero ainda é um terreno muito incerto e movediço, pois há correntes diversas que são atravessadas por discursos outros, tais como, Política, Religião e Educação. Estes pontos entrecruzam e formam conceitos a cada instante que se articulam. São conceitos subjetivos, mas que não se pode relativizar e deixar ao acaso de cada sujeito, pois estamos tratando de Ciência, e esta, nos exige trato mais sério e definido, mesmo que por instantes.

Os programas humorísticos são campeões em apresentar estereótipos de corpos e sexualidades “desviantes” de forma muito engraçada. Essa graça nem sempre está acompanhada de respeito, ou seja, está sempre no limiar da ignorância, da violência e do preconceito. Tratar a mulher como burra, o homossexual enquanto afetado e sedento por sexo, enquadrando toda a erótica no órgão genital, como se práticas sexuais fossem



apenas o falo, o pobre sempre analfabeto, o negro em subempregos, nordestinos com gostos duvidosos em relação à estética, mulheres sempre símbolo sexual pronta para serem copuladas etc. Essas analogias percebemos também nas novelas. Se trouxemos uma discussão acerca da população ainda com problemas de educação, esses conceitos são despercebidos e introjetados sem se aperceber. Eis a cisão entre a palavra e o pensamento foucaltiano. Estes conceitos que trazem uma pluralidade em sua constituição dada as lutas históricas das feministas estão reduzidos a uma totalidade anti-conceptual pautada na naturalização do corpo-gênero-sexualidade. Bento (2006) discorre sobre esse corpo em sua transitividade, seu processo de des-re-construção que torna-se promessa de um vir-a-ser. Assim,

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo de produção-reprodução sexual. Nesse processo, certos códigos naturalizam-se, outros são ofuscados ou/e sistematicamente eliminados, postos às margens do humanamente aceitável. A heterossexualidade não surge espontaneamente em cada corpo recém-nascido, inscreve-se reiteradamente por meio de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos socialmente investidos como naturais. (2006, p. 87-88)

Todos os programas acima citados apresentam tais características. A não polemização dos sujeitos transgressores da ordem binária, da matriz heteronormativa, faz destes, seres abjetos e patologicamente desregulados. No folhetim Guerra dos Sexos, em pleno século XXI, disputas entre quem é mais inteligente, se homem ou mulher, a força física, destreza com armas, sensibilidade, sexto sentido, corpos masculinos que demonstram o poder grego e fálico, enquanto as mulheres, ora se docilizam para terem seu homem, ora correm para se masculinizarem e terem o poder. Reforçando assim, quem de fato detém o poder simbólico. Não está às claras, mas através dos interdiscursos, ou seja, o que *“fala antes, em outro lugar, no entanto, torna possível todo dizer”* (ORLANDI, 2007, p. 31). Ser homem neste caso é tão importante quanto ter sucesso. Essa é a mensagem que a mídia deixa para seus telespectadores.

Conceitos de naturalização do gênero, com os estereótipos que saltam aos olhos são a tônica que permeia o discurso midiático. Matérias acerca das minorias são quase sempre escamoteadas. Quando elas aparecem, são com tom de chacota, desrespeito e sob a suspeita de burlado a lei. Programas policiais, novelas, telejornais e programas de auditório usam a homossexualidade e as sexualidades dissidentes com um bom humor



tamanho que foge da seriedade e o foco passa a ser brincadeira, o deboche. Bento afirma:

A intenção de (re)produzir o modelo hegemônico da mulher (bondosa, compreensiva, passiva, sensível, vaidosa e que tenha principalmente o matrimônio como destino) e do homem (que não chora, viril, sexual e profissionalmente ativo, competitivo) provocam potencialmente sentimentos de frustração e de dor. (2006, p.93)

Percebamos que as frustrações e dores causadas advindas das piadas naturalizantes geram dissabores tantos para quem não está na linha demarcatória do sexo-gênero biologizado. Para sujeitos que refazem seus corpos, desnormalizam os conceitos binários de masculinidade e feminilidade como polos opostos e não relacionais. O gênero na perspectiva que Bento (2006, p. 93) nos apresenta, conjuga-se com refazer, experimentar, reorientações relacionais e temporais. A autora define como “espaço do inabitável, vazios de corpos, plenos de dor e frustração.” O gênero e seus papéis culturalmente praticáveis, são produções humanas que cristalizam-se no corpo com marcas indelévels e que podem ser vistos a olho nu definindo os espaços em que as performances aparecerão. As máscaras do gênero encontram espaço na vestimenta, fala trejeitos que maculam cada vez mais o lugar deste homem ou mulher. O que resvala a estas prefigurações fica velada do que intitulamos programas sérios. O loco que lhes cabe são espaços do preconceito mal representados e sob a égide da intolerância social, médica e religiosa. Cada esfera desta trata de documentar suas anomalias e transformar urgentemente em “acaso, doença, anomalia, falta de seriedade e respeito”.

Trazendo discussão do gênero e do corpo para o campo dos estudos culturais e sua inter-relação com os discursos feministas, este galgado passo a passo, a perspectiva de vislumbrá-los enquanto campo do plural e do relacional traz possibilidades alargarmos o campo de discussão, desnormalizando e enredando-o no campo das possibilidades subjetivas da construção dos corpos, desejos e assim, ver o gênero na perspectiva da construção e da relação. Cada sujeito, um corpo. Cada corpo, um prazer. Cada prazer, experiências e experimentações tantas que marginaliza todo e qualquer encarceramento em limites heteronormativos enquanto via de mão única e possível.

Utilizemos um conceito de corpo que Butler (2003, p. 27) que traz este como um constructo, com variações e subjetivações pautadas no relacional:



Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca de seu gênero; e emerge então a questão: em que medida pode o corpo vir a existir na(s) marca(s) do gênero e por meio delas? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial?

Vamos pensar em um corpo modelável, docilizado e que sobre essa massa conforme, o gênero representa-se e apresenta-se também sob novas perspectivas. O corpo sempre-já aparece vinculado ao gênero e vice versa. Se este corpo torna-se plástico, o gênero também assumirá outras vertentes não biologizadas. Entramos em um terreno arenoso que são os sujeitos transgressores do normativo social e que sob o estigma de abjeto e anormal, ganha novos espaços e também novos adjetivos/identidades: alternativos, modernos etc, mas que estão transitando entre as possibilidades representacionais na sociedade. E assim Butler (2003) define o gênero como sentido assumido pelo corpo e com definições sexuais, mas define-o relacional com seu oposto. Estas perspectivas plurais e relacionais nos parecem perigosas demais para a mídia se utilizar e veicular como possibilidades de ser, pois vão de encontro às normas que as instituições religiosas, “patriarcais” e heteronormativas pregam como natural. Não queremos dizer que não são publicizadas, mas, quando estão em debate, tratam de convidar médicos, psiquiatras e psicólogos para fazerem os comentários e avaliarem as posturas dentro de um padrão machista e patológico. Esta discussão do pluralismo sexual ancora-se numa premissa “tradicional” e não-relacional. Este um (pluralismo sexual) é sempre-já lido sob lentes empoeiradas da heterossexualidade compulsória, como sendo o fim último de todos os sujeitos. Assim, resvala no corpo por sua vez, tal normatização. A associação do corpo feminino aos papéis que devem exercer, encurralam as mulheres em práticas como se fora o produto de uma equação matemática: mulher e a fixação no corpo de trejeitos específicos, passiva, meiga, cuidadora. No que tange ao corpo, a mulher enquanto objeto a ser seduzido, pois entre curvas e adornos, ela é a própria sedução, não cabendo ao homem qualquer responsabilidade do ato, pois a sedutora é a culpada; e o outro perfil de senhora do lar que cuida dos filhos e zela a honra do marido. Este último esteriótipo quando burlado, os ensaios literários, romances e todas as veiculações midiáticas põem o homem como



um coitado e que pode em nome da sua honra tomar atitudes mais drásticas. Quanto à mulher, resguardam-lhes uma imagem de mulher sem respeito e não merecedora de ser novamente mãe e mulher. Quando o caso de traição dá-se com o homem, naturalizam dizendo que é do “instinto masculino” tanta eroticidade. Parece que estamos em séculos passados, pois esta discussão teve cenário específico até meados dos anos 80 do século XX, mas enquanto a feitura deste artigo acontecia, em cidade próxima à capital, uma advogada fora espancada até a morte pelo companheiro. A mídia mostra com indignação, mas em casos em que a mulher matou o esposo, o julgamento social e midiático é muito mais severo, inclusive modificando sua programação para mostrar o júri dando a sentença à esta “espécie doente, fria e desumana” nas palavras dos profissionais envolvidos na transmissão do caso.

Vimos que gênero também é uma relação de poder que ao longo das experimentações cotidianas ratificando ora a supremacia das performances masculinas hegemônicas, ora alocando a mulher nas possibilidades do sentir. Foucault (1987) aponta discussões acerca dos corpos docilizados e disciplinarizados como forma de poder-saber sócio-cultural. As definições de saber sobre o corpo ocupou desde sempre um lugar central, pois se outrora o corpo fazia parte do indivisível masculino, sendo o feminino, o masculino ao averso, do início do século XX até então, discussões acerca da sexualidade, dos prazeres e dos corpos assumem um centralidade que a cada novo estudo, e ou postulação, menos se conhece e mais torna-se etéreo. Em *Vigiar e Punir* (1997) Foucault assume um corpo interditado pela política dos exercícios que cada vez mais a disciplina o controla e o vigia para sua normalização. Para tanto, o autor indica algumas esferas controladoras do poder: a escola, a religião, a caserna. Atualizando essas formas de poder-saber disciplinar, para além das clássicas Instituições já citadas, podemos dizer que a Mídia e suas busca desenfreada pela audiência, os aparelhos eletrônicos que enviam mensagens para os satélites avisando em que canal, programa o sujeito está plugado. A ditadura da mídia, uma mídia digamos democrática, mas uma democracia que tem horário, programas, canais em um processo de extrema vigilância, pois somos números do IBOPE que publiciza através de pesquisas dados definidores da população brasileira. Nesta perspectiva: sexo, idade, gênero e classe social são cruzados como um tecido e sua malha com fios entremeados e incapazes de serem vistos a olho nu. Fazemos parte dessa esfera do poder-saber disciplinar, somos anunciados com um perfil definido, e o pior, grande percentual acredita no que se tornou.



A categoria gênero divide-se no binarismo quando a mídia apropria-se de seus resultados, mas já podemos passar para uma instância outra que é vê-lo ser discutido, desconstruído e construído sob novos pilares do conhecimento e das experiências do sujeito com sua corporeidade, seus prazeres e paixões. Apesar de termos uma forte resistência silenciada e velada, a resistência escapa e as formulações vão além do binarismo. Scott (1989, p. 28) define os papéis históricos e sociais entre o masculino e feminino da seguinte maneira:

A natureza desse processo, de atores e de ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições negadas ou reprimidas.

Nessa análise de Scott podemos vislumbrar com os dissidentes desta viagem que muitas vezes tem tornado-se tão solitária enfrentam. Com conceituar o que seja homem ou mulher dentro de consensos tão fechados se a minha experiência vai além dessas categorias? O que é ser ou ter a representação de gênero desvinculada das normas? Os adjetivos que aparecem como identidades tão densas: iguais e diferentes chegam de uma maneira tão intensa que se pendermos para um dos lados, correremos o risco de mais uma vez ser enquadrado em tipologias medicas-psiquiátricas. Como afirma Foucault (2009) em a Arqueologia do Saber a Formação Discursiva dá-se a partir de discursos semelhantes que advém de lugares diversos, mas com conceituações acerca do objeto. Assim, acerca das masculinidades e feminilidades hegemônicas, teremos uma formação discursiva vinda da mídia e seus produtos, a medicina reforçando a natureza, a Igreja provendo o lugar do casamento heteronormativo e com fins de procriação, as leis autorizando o casamento em pares de sexos opostos, as escolas contribuindo com o sexismo e desrespeito às diversidades. Esses discursos formam a consciência social. A este emaranhado contínuo, descontínuo, e algumas vezes dispersos em lugares e formas diferentes que o autor chama de formação discursiva.

Proponho pensar os corpos e o gênero numa perspectiva foucaultiana das tecnologias do eu promovendo o cuidado de si. Pensar o corpo nessa perspectiva, é leva-



lo a transgredir o corpo pensado e idealizado pela massa³. O conceito que Foucault (1990) traz das Tecnologias estão definidos em 4 (quatro): 1. Tecnologias de produção em que os sujeitos produzem e manipulam coisas; 2. Tecnologias dos sistemas de signos em que o sujeito manipula sentidos, significações e símbolos sociais; 3. Tecnologias do poder que determina a conduta do indivíduo submetendo-o a certos tipos de dominação, e por fim, as tecnologias do eu:

4. tecnologías del yo, que permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, ciertos número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismo con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad.

Foucault afirma que as quatro tecnologias se intercambiam, mas aqui, trataremos de pensar o corpo pelo viés das tecnologias do eu. O corpo que as feministas pós modernas trazem a tona, encontra-se exatamente nesta ideia da construção e desconstrução, sendo permitido suas adequações para que o sujeito sintasse através dessas possibilidades de ser, um sujeito mais completo. Hoje, estas tecnologias estão cada vez mais a favor da construção de um “corpo conforme”⁴. A rigidez amolece-se com as possibilidades de modificação para um corpo que era centrado na heteronormatividade e com padrões muito rígidos de ser. Se as possibilidades de transformar o corpo, num corpo possível, aberto mudanças e desejos, o sujeito entra numa esfera dos cuidados de si. É conhecendo-se que se consegue ser o que se deseja, operar as tecnologias com segurança e tornar-se um sujeito consciente de seu papel social e ação sobre ele. As tecnologia do eu modernas que vão desde as intervenções corporais com cirurgias, plásticas, próteses, maquiagens, piercings, tattoos etc põem em cheque a sisez do corpo midiático do fim do século XX que aparecia sob a estética eutocêntrica e heterocêntrica. Aos poucos, a mídia vai introduzindo esses sujeitos “diferentes”. Apesar de publicizá-lo ainda como anormal, mas tem vindo a tona como possibilidades alternativas.

³ Massa no sentido Frankfurtiano em que perde-se a capacidade de reflexão e análise, tento em vista a industrialização da cultura e sua transformação em conteúdos mais acessíveis às populações com problemas educacionais.

⁴ Alcinha trabalhada por Bento em vídeo disponível no Youtube.



É com o cuidado de si foucaltiano que os sujeitos se apercebem detentores de seus corpos e prazeres. Para tanto, cuidar-se de si traz a relacionalidade, pois é exercendo esse cuidado de mim que conseguirei cuidado do outro e ter a segurança de ser o que se pretende.

CONSIDERANDO

A discussão aqui suscitada não tem a proposta de ser última, mas um início de um incômodo que ainda demorará a ser desmistificado: heteronormatividade, desrespeito à diversidade e uma incompletude acerca do corpo, prazer e gênero. Para uns, tema ainda arenoso e difícil de abordar em programas televisivos, para outros, ideologicamente preferem não entrar nesta seara por tratar-se de um tema sacrossanto, dizendo respeito à medicina psiquiátrica, à psicologia, pois trata-se de insanidade, enquanto para quem exerce, ou tenta exercer seus papéis de cidadão na perspectiva de burlar as normas biologicistas e sociais do corpo e do gênero, aguardam ansiosamente por um sol que lhe dê a mesma luz!

Cabe a mídia intervir nessa seara de discussões? De que forma poderemos nós, enquanto cientistas das comunicações elucidar a sociedade e fazê-los ver que as questões de gênero, corpo e sexualidade é plural e relacional? Assim, cabe-nos ainda muita luta e discussões para a heteronormatividade ser posta em cheque como a diversidade desde sempre apresentou. Programas de auditório, novelas e de humor ainda irão discriminar, desrespeitar e adoecer as experiências outras para além da norma, até um dia em que a própria norma será a doente desta história.

Referências bibliográficas

BENTO, Berenice (2006). **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond.

BUTLER, Judith P (2003). **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FOUCAULT, Michel(1971). **L'ordre du discours**. Éditions Gallimard. Paris.

_____(1990). **Tecnologías del yo**: Y otros textos afines. Ediciones Paidós Ibérica. Madri.



_____(2009). **Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. – Rio de Janeiro: Forense universitária.

_____(1987). **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes.

ORLANDI, Eni P (2007). **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ª edição, Campinas, SP: Pontes.

RÜDIGER, Francisco (2008). A Escola de Frankfurt. In HOHLFELDT, Antônio (Org). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

SCOTT, Joan (1989). **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press.